

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES – CCTA
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

MARYJANE DA COSTA PEREIRA

MANA, VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA!
*Um áudio documentário sobre a comunidade LGBT
e os serviços de apoio em João Pessoa*

JOÃO PESSOA - PB

2017

MARYJANE DA COSTA PEREIRA

MANA, VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA!
*Um áudio documentário sobre a comunidade LGBT
e os serviços de apoio em João Pessoa*

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito final para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Bruno Ribeiro

JOÃO PESSOA - PB

2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Pereira, Maryjane da Costa.

Mana, você não está sozinha! Um áudio documentário sobre a comunidade LGBT e os serviços de apoio em João Pessoa / Maryjane da Costa Pereira.- João Pessoa, 2017.

39f.

Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Comunicação, Turismo e Artes.

Orientadora: Prof. Bruno Ribeiro

1. LGBT(Lésbicas Gays Bissexuais Transexuais). 2. Preconceito.
3. Centro de Apoio. 4. Áudio documentário I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 070



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluna: Maryjane da Costa Pereira (11213940)

Título do trabalho: MANA, VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA! Um áudio documentário sobre a comunidade LGBT e os serviços de apoio em João Pessoa.

Aprovada em 28 de junho de 2017, com média 9,0

BANCA EXAMINADORA

Professor orientador: Bruno Ribeiro Nascimento

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Departamento: Departamento de Comunicação

Assinatura: Bruno Ribeiro Nascimento

Professora examinadora: Fabiana Cardoso de Siqueira

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Departamento: Departamento de Jornalismo

Assinatura: [Assinatura]

Professora examinadora: Glória de Lourdes Freire Rabay

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Departamento: Departamento de Jornalismo

Assinatura: [Assinatura]

*Dedico a minha avó, que hoje não está
mais entre nós, mas me deu todo o apoio
durante a graduação*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de salientar que não foi fácil chegar até aqui e, sinceramente, eu não teria conseguido sozinha, por isso devo agradecer a todos que muito ou pouco contribuíram para a minha graduação.

Acredito que, primeiramente, devo agradecer a Deus por estar aqui, por toda a Sua grandeza e misericórdia para com seus filhos e por ter me dado forças para chegar aonde cheguei.

À minha querida mãe que me colocou no mundo e sempre acreditou em mim e por todos os sacrifícios que teve que fazer para que eu conseguisse concluir minha graduação. Por todo apoio e carinho nos momentos mais difíceis, pelos chocolates oferecidos nas melhores horas, as de desespero, e por me amar incondicionalmente. Eu te amo, mãe!

Ao meu pai que apesar de todos os problemas familiares sempre fez o que pode para não me faltar nada. Por sempre tentar ajudar, mesmo quando eu não assumia precisar de ajuda e também por me amar, do seu jeito. Pai, mesmo com tudo o que aconteceu, eu amo você e agradeço por estar comigo.

À minha vó Maria do Carmo (in memoriam) por todos os momentos que passamos e por sua ajuda essencial no início da graduação, por sempre me apoiar e me incentivar falando que um dia me veria formada. Espero que esteja vendo de onde quer que esteja, vó.

Ao meu tio Jó que me cedeu o computador para escrever esta monografia, já que todos os eletrônicos da minha casa resolveram quebrar quando eu mais precisava.

À minha família no geral que esteve comigo até aqui e por todas as brincadeiras nos almoços e ceias de natal falando que um dia eu estaria no lugar de Samuka. Amo todos vocês!

A TODOS os meus amigos e pessoas que passaram pela minha vida e que de alguma forma me ajudaram. Não me atrevo a tentar citar, pois acabaria esquecendo alguém importante (minha memória é péssima, vocês sabem), mas saibam que agradeço imensamente.

Aos componentes da Turminha, Kamila, Thayane, Marcelo, Gabriela, Eunice, Sara, Cógenes, Arthur e Jhon, os quais tive a sorte de conhecer e compartilhar meus dias na universidade, minhas angustias, conquistas, tristezas, felicidades, minha vida. Eu não sei o que seria de mim sem vocês. Obrigada por me darem a honra de chamá-los de amigos.

Aos meus professores, pois sem seus ensinamentos não poderia jamais estar aqui. Em especial à Zulmira por ter essa luz contagiante e sempre nos incentivar a ir além e não desistir,

às professoras Fabiana Siqueira e Glória Rabay pelo auxílio durante as dificuldades que apareceram no final do curso e por aceitarem participar da banca. E, principalmente, ao professor Bruno Ribeiro que prontamente aceitou orientar este trabalho e foi de suma importância para a minha formação.

À todos os entrevistados, especialistas, coordenadores e comunidade LGBT que prontamente me receberam e auxiliaram no trabalho contando suas experiências.

Aos médicos que prontamente me atenderam nos últimos tempos em que minha saúde não estava tão boa e ajudaram a me curar/melhorar. Eu prometo que vou me cuidar melhor a partir de agora.

Por fim, agradeço a todos que me ajudaram a chegar até aqui, direta ou indiretamente, e que por alguma desatenção minha não foram citados anteriormente.

*A nudez abstrata de serem
unicamente humanos era o maior
risco que corriam.*

(Hannah Arendt)

RESUMO

Este relatório faz parte do áudio documentário intitulado “Mana, você não está sozinha! Um áudio documentário sobre a comunidade LGBT e os serviços de apoio em João Pessoa” que traz um diagnóstico sobre o que é ser LGBT e as dificuldades enfrentadas por gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis, na cidade de João Pessoa, além de falar sobre campanhas e lugares onde eles podem buscar ajuda, seja psicológica, jurídica, assistência social, entre outras. O objetivo foi mostrar que essas pessoas não estão desprotegidas para lidar com a homofobia e que existem políticas públicas recentes, ainda pouco difundidas para a população no geral, mas que estão atendendo, auxiliando e melhorando a vida de muitas pessoas. O áudio documentário, produzido no período de um mês, tem duração de 28 minutos e para embasá-lo foram feitas 10 entrevistas, entre especialistas, responsáveis pelas coordenadorias LGBT do Estado e do Município e pessoas da comunidade LGBT. O trabalho pode ser acessado através do endereço <https://www.youtube.com/watch?v=JOhOctrlYw>.

Palavras-chave: LGBT; preconceito; campanhas; centros de apoio; áudio documentário

RESUMEN

Este informe forma parte del audio documental titulado "Mana, usted no está sola! Un audio documental sobre la comunidad LGBT y los servicios de apoyo en João Pessoa "que trae un diagnóstico sobre lo que es ser LGBT y las dificultades enfrentadas por gays, lesbianas, bisexuales, transexuales y transexuales, en la ciudad de João Pessoa, además de hablar Sobre campañas y lugares donde ellos pueden buscar ayuda, sea psicológica, jurídica, asistencia social, entre otras. El objetivo fue mostrar que esas personas no están desprotegidas para lidiar con la homofobia y que existen políticas públicas recientes, aún poco difundidas para la población en general, pero que están atendiendo, ayudando y mejorando la vida de muchas personas. El audio documental, producido en el período de un mes, tiene una duración de 28 minutos y para embasarlo se realizaron 10 entrevistas, entre especialistas, responsables de las coordinadoras LGBT del Estado y del Municipio y personas de la comunidad LGBT. El trabajo se puede acceder a través del enlace <https://www.youtube.com/watch?v=JOhOoctrlYw>.

Palabras clave: LGBT; El prejuicio; Campañas; Centros de apoyo; Audio documental

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA	13
3.OBJETIVOS	14
3.1 OBJETIVO GERAL	14
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
4.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4.1 A IMPORTÂNCIA DO RÁDIO	15
4.2 O PAPEL SOCIAL DO RÁDIO	16
4.3 GÊNEROS E FORMATOS RADIOFÔNICOS	17
4.4 RADIODOCUMENTÁRIO E ÁUDIO DOCUMENTÁRIO.....	19
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
5.1 PRÉ- PRODUÇÃO.....	21
5.2. PRODUÇÃO	23
5.3. PÓS-PRODUÇÃO.....	24
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26
APÊNDICE	27
ROTEIRO - ÁUDIO DOCUMENTÁRIO – UNIVERSO LGBT.....	27
TERMO DE RESPONSABILIDADE.....	37
DECLARAÇÃO DE AUTORIA.....	38

1. INTRODUÇÃO

A sigla LGBT é bastante ouvida nos dias atuais. Ela surgiu na década de 90 e serve para caracterizar a comunidade formada por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, já que os ativistas da época perceberam que o termo “gay” não englobava todos os tipos de sexualidade e identidade de gênero existentes no mundo.

Hoje, no Brasil esse é o termo usado pelo movimento e por entidades governamentais, mas, em todo o mundo, ainda existem as variantes que incluem o Q (LGBTQ) para as pessoas *queer*, que não seguem o padrão da heterossexualidade, incluindo drag queens e pansexuais. A inserção da letra I (LGBTI ou LGBTQI) para incluir os intersexuais, aqueles que possuem características masculinas e femininas ao mesmo tempo. A letra A (LGBT A, LGBTIA ou LGBTQIA) também é colocada em alguns lugares do mundo para caracterizar também os assexuados.

A pluralidade de sexualidades e identidades de gênero é bastante grande e ainda há uma variação que encaixa o símbolo de mais (LGBTQ+) para representar qualquer pessoa que não se identifique com as outras letras, entre outras variantes pelo mundo a fora. Essa mesma comunidade repleta de letras e significados também traz em sua história muita luta por igualdade de direitos e contra o preconceito e a discriminação que sofrem dentro da sociedade apenas por serem diferentes dos demais.

Esse preconceito, discriminação e qualquer sentimento hostil em relação aos indivíduos LGBT leva o nome de homofobia. O termo foi criado pelo psicólogo George Weinberg, em 1971, usando um neologismo que traduz o medo, ódio ou repulsa por homossexuais. Hoje, mesmo com as lutas, ainda não se conseguiu extinguir essa homofobia e a comunidade LGBT segue sendo vítima desse mal que muitas vezes começa dentro da própria casa, com a família, e continua nas ruas, mercado de trabalho e na sociedade em geral que ainda é bastante preconceituosa (WIKIPÉDIA, 2017).

Para ajudar na quebra do preconceito e auxiliar essas pessoas a lidarem com as dificuldades e desafios existentes quando se assume uma sexualidade e/ou identidade de gênero diferente se faz necessário a existência de campanhas, políticas públicas e locais que apoiem, sejam por parte do governo, ONGs ou movimentos contra a homofobia e a favor do amor e da defesa dos Direitos Humanos.

O presente relatório faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de áudio documentário, que trata exatamente sobre esse tema. As políticas públicas, campanhas e

principalmente os novos centros de apoio existentes na cidade de João Pessoa, que oferecem atendimento para o público LGBT não apenas da própria cidade, mas também de outras regiões e que procuram a capital em busca desse auxílio.

O primeiro deles, inaugurado em 25 de maio de 2011, o Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBT e Enfrentamento à Homofobia da Paraíba, conhecido como Espaço LGBT, é coordenado pela Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana do Estado e atua no enfrentamento à homofobia e à discriminação por gênero e orientação sexual, promovendo a cidadania e os direitos humanos dessa minoria. Com cerca de 350 a 500 atendimentos por mês, e mais de 1.500 usuários, o centro conta com os serviços de acompanhamento psicológico, assistência social e apoio jurídico, além de ser a porta de entrada para o Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais (MAIA, 2017) (informação verbal)¹.

O outro, bem mais recente, foi inaugurado em maio de 2016. O Centro de Cidadania LGBT, coordenado pela Coordenadoria de Promoção a Cidadania LGBT e Igualdade Racial do Município, além do apoio psicológico, jurídico e assistência social, o centro ainda tem parcerias com instituições e empresas para garantir moradia e emprego aos LGBTs que são expulsos de casa e para os que enfrentam barreiras no mercado de trabalho (PILATO, 2017) (informação verbal)².

Para mostrar essa realidade, este áudio documentário, intitulado “Mana, você não está sozinha! Um áudio documentário sobre a comunidade LGBT e os serviços de apoio em João Pessoa” – sendo o “mana” uma gíria utilizada, principalmente nas redes sociais, para se referir a quem faz parte da comunidade LGBT - visa dar visibilidade a existência de campanhas e políticas públicas, e mostrar como funcionam os centros de apoio e o reflexo disso tudo na vida de gays, lésbicas, bissexuais e, principalmente, na de transexuais e travestis, parcela mais estigmatizada pela sociedade.

¹ Entrevista concedida por MAIA, Roberto. Entrevista I. [jun. 2017]. Entrevistadora: Maryjane Costa. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .mp3 (27 min.).

² Entrevista concedida por PILATO, Victor. Entrevista IV [jun. 2017]. Entrevistadora: Maryjane Costa. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .mp3 (16 min.).

2. JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deste áudio documentário como Trabalho de Conclusão de Curso se deu por perceber, durante os anos de graduação, que a comunidade LGBT, apesar de vir sendo tema de alguns trabalhos recentes no âmbito acadêmico, ainda precisa ter mais visibilidade, principalmente para que a sociedade entenda e respeite a pessoa como ser humano, independente do gênero e da orientação sexual.

Muito do preconceito e da homofobia se deve a ignorância referente ao não conhecimento da realidade dessas pessoas, de saber pelo o que elas passam e que não é algo que possa ser escolhido, muito menos existe para afrontar alguém ou um grupo de pessoas. A identidade sexual e ou de gênero é algo natural e pessoal, que se desenvolve junto ao indivíduo.

O objetivo é ter um trabalho que fomente essa discussão e auxilie LGBTs a tomarem conhecimento de que existem pessoas e locais empenhados em ajudá-los a passar pelas dificuldades advindas do preconceito e da discriminação e que eles não estão sozinhos para enfrentar isso, mesmo quando a própria família e amigos lhe viram as costas.

A escolha do áudio documentário foi feita por ser um meio menos engessado e não se restringir apenas ao rádio. Dessa forma, é mais eficaz para o tema e para sua divulgação, já que também pode ser disponibilizado na *web* e, assim, alcançar um número maior de ouvintes.

3.OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Realizar um áudio documentário sobre a comunidade LGBT e a realidade dos indivíduos gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros residentes em João Pessoa com relação às políticas públicas, campanhas e centros de apoio.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar uma peça de áudio menos formal para a internet;
- Mostrar a realidade da comunidade LGBT nos dias atuais e fomentar a discussão acerca da homofobia;
- Buscar fornecer visibilidade as ações e movimentos existentes em João Pessoa relacionados a proteção dos Direitos Humanos dos homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais.

4.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 A IMPORTÂNCIA DO RÁDIO

A história do rádio representa, sem dúvida, um avanço da comunicação que só pode ser equiparada, talvez, ao surgimento da televisão e, mais tarde da internet. Entretanto, cabe destacar que foi ele o precursor de uma ideia de comunicação feita para todos, independente de classe social, sendo até os dias atuais, mesmo com o surgimento de meios mais modernos, o veículo mais barato e com mais facilidade de chegar as áreas mais longínquas.

A origem do rádio ainda é bastante discutida, visto não existir uma unanimidade sobre isso; diferentes países defendem a realização de seus cientistas sobre o desenvolvimento da telegrafia sem fio. Porém, a maioria dos escritores cita o italiano Guglielmo Marconi como de fato inventor do rádio.

A invenção do rádio é creditada ao inventor e cientista italiano Guglielmo Marconi, nascido em 1874 na cidade de Bolonha. Desde menino demonstrando interesse pela Física e Eletricidade, Marconi foi o primeiro a dar explicação prática aos resultados das experiências de laboratório anteriormente realizadas por Heinrich Hertz, Augusto Righi e outros. Pelos resultados dos estudos de Hertz, Marconi concluiu que tais ondas poderiam transmitir mensagens, e, assim, em 1895, fez suas primeiras experiências, com aparelhos rudimentares, na casa de campo de seu pai. Conseguiu fazer chegar alguns impulsos elétricos a mais de um quilômetro de distância (FERREIRA *apud* RODRIGUES, 2013, p. 4).

No Brasil, a primeira transmissão só veio a acontecer em 1922, inaugurada pelo presidente Epitácio Pessoa. Daí para chegar à casa das pessoas durou ainda cerca de um ano, quando Roquette Pinto e Henrique Morize criaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Nessa época, a publicidade ainda era proibida e a rádio se mantinha com contribuições dos ouvintes, que faziam parte da elite do Rio de Janeiro. Assim, o rádio, como o jornal impresso, também se destinava apenas a uma parte escolarizada e com posses.

Na década de 1930, com o decreto 21.111, a publicidade pode ser inserida no rádio. Dessa forma, iniciou-se uma popularização e o rádio já não se destinava apenas a uma parcela da população, mas feita para todos, visando chamar atenção para as propagandas e a comercialização dos seus produtos.

(...) todos os lares tinham, pelo menos, um aparelho de rádio, estrategicamente visível e impoluto sobre o móvel mais importante da sala. Era, na verdade, uma espécie de altar: a caixa de madeira falante ficava sempre no centro, como uma imagem a ser cultuada por todos da família

(AGUIAR, 2007, p. 13).

Além das radionovelas, programas musicais e humorísticos, os radialistas passam a ler as notícias impressas nos jornais, inserindo esse novo formato na programação do rádio. Dessa forma, a informação jornalística também presente no rádio, possibilitou que aqueles cidadãos mais humildes, que não tiveram acesso ao estudo, pudessem acompanhar tanto as notícias locais como nacionais. Esse fato representou o grande progresso do rádio, chegando a mais lares e sendo responsável, até a atualidade, por ser o veículo de comunicação mais democrático e viável para o país. “Bem, o brasileiro acorda ... e liga o RÁDIO! Daí em diante, ele não é mais o mesmo - os acontecimentos considerados destaques de sua cidade, país ou do mundo, chegam-lhe através do seu noticiário radiofônico preferido” (BLOIS, 1996, p. 13-14).

Ademais, além de ser um veículo midiático mais acessível a toda população, o rádio também se tornou importante por agregar capital e interior, visto que, as informações são propagadas chegando às áreas mais longínquas. Diferente dos aparelhos de Tv, os rádios podem ser transportados e não necessitam exclusivamente de energia para funcionar, o que favorece aquelas áreas onde ainda não há energia elétrica.

Com o surgimento da televisão no Brasil, na década de 50, passou-se a questionar se poderia ocasionar o fim do rádio, mas a TV nunca conseguiu ser tão presente na vida dos brasileiros como o rádio foi e é. Independente de onde alguém esteja, do grau de estudo que ela tenha, do que se esteja realizando, se alguma tarefa manual ou não, essa pessoa poderá acompanhar alguma emissora de rádio.

A singularidade do rádio como veículo de comunicação reside no fato de que é o ouvinte quem faz a cena. É o ouvinte quem cria a partir do que ouve o cenário do que está sendo dito, sugerido ou representado. O locutor, o repórter, o ator ou mesmo o cantor, são meros deflagradores de um processo que está na cabeça, na imaginação de cada um. Por isso, o resultado da comunicação pelo rádio é incontável. Ela é sempre mágica, volitiva, etérea, uma quimera – quase celestial. (FERREIRA *apud* SEVERO, 2013, p. 1).

4.2 O PAPEL SOCIAL DO RÁDIO

É fato que desde sua origem, como foi mencionado anteriormente, o rádio tem estado presente na vida das pessoas, seja ouvindo um som, uma notícia, o jogo do seu time de futebol. Porém, ainda proporciona ao ouvinte o que há de mais importante: o jornalismo de serviço. É através dele que o ouvinte se informa sobre o clima, trânsito, educação, saúde.

O jornalismo de serviço é a informação que dá ao receptor a possibilidade de

efetiva ação e/ou reação. Aquela informação, oferecida oportunamente, que pretende ser de interesse pessoal do leitor-ouvinte-espectador; que não se limita a informar sobre senão para; que se impõe a exigência de ser útil na vida pessoal do receptor, psicológica ou materialmente, mediata e imediatamente, qualquer que seja o grau e o alcance dessa utilidade. A informação cuja meta deixa de ser oferecer dados circunscritos ao acontecimento, para oferecer respostas e orientação (ZIMMERMAN, 2011, p.2).

Com uma linguagem mais coloquial e a possibilidade de interação com o locutor através do telefone, o rádio também proporciona a aproximação entre as pessoas, de modo que haja entre elas empatia. Das informações mais simples até as mais complexas passam pela voz do locutor, que rompe as barreiras territoriais e também as culturais. Já os ouvintes são os responsáveis por pautar aquilo que será informado ou não na rádio. Eles que abrem discussões e de fato buscam construir cada vez mais sua cidadania.

Atinge a todos, sem distinção de escolaridade, classe social ou condição econômica. Fala a todos individualmente e acompanha o ouvinte no carro, na cozinha, na sala, na praia ou no trabalho. Que outro meio é mais adequado para levar informações a milhões de ouvintes num país como o nosso, em que predomina a pouca informação; em que a miséria impossibilita não só o acesso a bens materiais, mas também a cidadania? (WERNECK, 2002 apud MIURA; ESCOBAR, 2008).

4.3 GÊNEROS E FORMATOS RADIOFÔNICOS

Antes de delimitar os diversos gêneros e formatos radiofônicos, é preciso salientar que o uso do termo gênero, neste caso, tem como intuito fazer uma orientação geral para simplificar o entendimento, mas que não há uma rigidez na classificação, visto que, em um programa de rádio é possível a aplicação de vários “gêneros”.

É preciso ainda diferenciar gênero dos formatos de programas de rádio. Isso porque o gênero descreve uma classificação mais geral da mensagem, enquanto que os formatos são os diferentes tipos e modelos que um programa pode assumir, de acordo com a classificação nos gêneros. Mas, há ainda aqueles programas que misturam também diversos formatos.

[...] gêneros cumprem três funções básicas: primeira, são formas de representação da realidade e servem como sistemas de referências que se modificam e evoluem constantemente; segunda, os gêneros são também ferramentas para o trabalho dos jornalistas e instrumentos úteis da pedagogia do exercício profissional e, por fim, a terceira função é a de que os gêneros atuam como modelos de enunciação, ou seja, fornecem um conhecimento que permite superar ou modificar os esquemas tradicionais (PILAR & HERRERA, 2005:02).

Para simplificar, os gêneros radiofônicos podem ser delimitados da seguinte forma:

- 1) Gênero Publicitário ou Comercial – nesse gênero estão vinculados os anúncios em comerciais, propagandas, tudo aquilo que venha convencer o ouvinte a adquirir um determinado produto. Os formatos inseridos nesse gênero são: Jingle, BG(background), vinheta, assinatura, spot e testemunhal;
- 2) Gênero Jornalístico ou informacional – responsável pelas informações noticiosas, que busca atualizar o ouvinte sobre o que está acontecendo em sua cidade, estado e país. Os formatos mais conhecidos desse gênero são: nota, boletim, reportagem, entrevista, externa, crônica, debate, radiojornal, documentário radiofônico (radiodocumentário) e programas esportivos.
- 3) Gênero Musical – esse gênero está presente na maioria das rádios do país, ocupando grande parte da programação. Os programas musicais nas rádios muitas vezes possuem um locutor, que interage com o público que liga pedindo as canções que serão executadas posteriormente.
- 4) Gênero dramático ou ficcional – no passado esse gênero era o que mais atraía ouvintes para rádio. Atualmente, são poucas as rádios que ainda tem formatos desse gênero em sua programação: radionovelas, seriados, peças radiofônicas, poemas dramatizados, sketch, audiobiografia e programas temáticos. Esse gênero ganhou força com a popularização das novas tecnologias e com a convergência do rádio na internet.

Esses são os principais gêneros que estruturam a programação das rádios do país, que como Barbosa Filho (2003, p. 89) afirma em seu livro “Gêneros radiofônicos”, “estão estruturados em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas da audiência”. Ele mesmo delimita sete gêneros, não quatro como foi citado anteriormente. São eles jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e gênero especial.

Alguns autores questionam o fato do gênero de serviço não estar inserido ao gênero jornalístico, já que as notícias e notas também geram informação e por consequência realizam um serviço para a população. Barbosa Filho (2003) explica que essa separação se dá devido à transitividade do gênero jornalístico, que gera uma sinergia no ouvinte, dificultando, portanto, a perfeita recepção de um tipo de informação mais específica.

Com as novas tecnologias que começaram a surgir nos últimos tempos e a convergência do rádio com a internet, aconteceu uma hibridização da linguagem e dos formatos, trazendo, assim, uma pluralidade de gêneros.

4.4 RADIODOCUMENTÁRIO E ÁUDIO DOCUMENTÁRIO

O Radiodocumentário, como mencionado anteriormente, é um formato normalmente presente no gênero jornalístico ou informacional. Esse é um formato muito comum em rádios da África, Ásia, Estados Unidos e Europa. O seu principal objetivo é aprofundar um determinado assunto, dando voz às pessoas envolvidas na temática, de modo a fazer com que o ouvinte reflita sobre um tema, que pode, muitas vezes, ter passado despercebido.

Hoje em dia, é muito comum que as pessoas formem opiniões a partir de falácias ou de informações superficiais emitidas inclusive pelos meios de comunicação. Assim, documentário, tanto para a TV quanto para o rádio, tem uma importância ainda maior: esmiunçar um tema, questioná-lo, debatê-lo, até que haja um esclarecimento sólido.

Constitui verdadeira análise sobre tema específico. Tem como função aprofundar determinado assunto, construído com a participação de um repórter condutor. O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, medição dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística (BARBOSA FILHO, 2003, P.102).

Infelizmente, as rádios brasileiras têm dado destaque apenas a cobertura factual de acontecimentos, com pouco espaço para aqueles temas que poderiam ser trabalhados e problematizados no ar. Esse talvez seja um aspecto que contribua para explicar porque nossa sociedade é tão fraca de argumentos. O que esperar quando a escola e a mídia são passivas? Como fazer alguém refletir sobre algo que desconhece?

Devido o radiodocumentário ser um formato que requer mais tempo para pesquisas e entrevistas, muitas emissoras preferem não colocá-lo no ar. Entretanto, esse deveria sim ser um recurso muito aplicado no rádio, principalmente numa época em que os assuntos tornam-se ainda mais rasos devido à agilidade da internet e da facilidade de qualquer pessoa ser produtora de conteúdo. O rádio, portanto, poderia utilizar o formato do documentário para fugir do que é comum nas outras mídias.

[...] nesse tipo de programa as temáticas estão relacionadas a aspectos sociais [...], mesmo não tratando sobre temas essencialmente factuais, o documentário radiofônico deve trazer o assunto ao presente e mostrar para o

ouvinte a relevância que o tema tem para a sociedade (MCLEISH, 2001, p. 197).

Do ponto de vista estrutural e técnico, o radiodocumentário deve estar baseado em evidências, deve aprofundar uma temática, envolvendo o maior número de pessoas, ter de 30 minutos às 1h de duração, ser coerente na forma e estilo, cumprindo o planejamento inicial, mas sem ser engessado. Deve ainda trabalhar recursos sonoros, levando o ouvinte a ser atraído pelo tema e contexto, fazendo desse também um colaborador do processo de desenvolvimento do documentário. Pois, como afirma Blois (1996) a codificação e decodificação da mensagem radiofônica passa, além da criação individualizada de imagens, pela recepção também pessoal, que abre possibilidades de leituras íntimas e diversificadas.

No entanto, nosso trabalho está dentro de um formato próximo do radiodocumentário, que é o áudio documentário, mas não são a mesma coisa. De acordo com Nascimento (2017, Informação Verbal)³, ele é um gênero jornalístico que também traz o aprofundamento de um determinado tema de forma menos engessada, mostrando a relevância do assunto para a sociedade, tudo isso misturado ao uso de efeitos sonoros para deixar o ouvinte mais próximo e não o cansar. O termo áudio documentário surgiu a partir de um diálogo por e-mail entre Nascimento (2017, Informação Verbal) e um jornalista da PUC-SP que buscavam denominar um tipo de formato que traz o aprofundamento de uma informação, mas não é tão formal como o documentário. O que diferencia os dois gêneros é o fato do áudio documentário não se restringir apenas ao rádio, sendo disponibilizado na web; seu tempo é mais aberto, sendo curto ou longo, desde que se esgote bem o tema e o ouvinte não se sinta fatigado.

Assim, o áudio documentário possui uma linguagem diferente da linguagem tradicional do radiodocumentários graças a liberdade de formato e, geralmente, é veiculado na internet, a um consumo "sob demanda" e não necessariamente em rádios tradicionais. Por isso, não há vinhetas, não há intervalos e não há uma preocupação exata com o tempo. Em termos de narrativa, seu texto é solto e mais próximo da radionovela que do radiodocumentário.

³ NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. Entrevista I. [jun. 2017]. Entrevistadora: Maryjane Costa. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .mp3 (15 min.).

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 PRÉ- PRODUÇÃO

O primeiro passo para a construção do áudio documentário foi uma reunião para decidirmos e dividirmos o tempo de modo que nenhuma parte da produção ficasse prejudicada e pudesse ser criado um TCC com excelência. Nessa primeira reunião, que aconteceu no segundo andar do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, foi decidido o enfoque, já que o tema havia sido escolhido previamente. Além do orientador Bruno Ribeiro, também participou do início da reunião a professora Fabiana Siqueira, também do Centro de Comunicação Turismo e Artes da UFPB.

Dividimos o tempo em quatro partes. A primeira para a leitura e apanhado sobre o tema e sobre o gênero jornalístico utilizado, o áudio documentário. Nessa parte foi muito importante a escuta de outros documentários em áudio, como o “A música é de quem?” de Leonardo Jermani⁴, para que se entendesse a forma que eles são roteirizados e estruturados e, assim, pudesse ser escrito o roteiro. A segunda parte ficaria com as entrevistas e captação dos áudios, a terceira com a escrita do roteiro e a quarta com a edição dos áudios e elaboração do relatório.

Logo depois, com toda a estrutura do Trabalho de Conclusão já decidida, ainda com auxílio do que decidimos na reunião, foi construída uma pauta. Nela, foram colocadas as seguintes informações: tema, tempo de duração, pauteiro e repórter, proposta, informações gerais e sugestão de entrevistados.

O tema inicial ficou “Comunidade LGBT: dificuldades e serviços de apoio”, tempo de 15 a 20 minutos e repórter e pauteira foi à própria graduanda. Na proposta, foi decidido que seria realizado um documentário em áudio sobre o que é ser LGBT, dificuldades enfrentadas ainda hoje por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transexuais perante a sociedade e a importância da atuação dos centros de apoio (ainda pouco conhecidos) na vida da comunidade LGBT na cidade de João Pessoa.

Nas informações gerais foram colocados dados e referências sobre campanhas e os centros de apoio que atendem às pessoas LGBT na cidade. Essas informações foram colhidas com assistência do Google e os portais de notícia da cidade, principalmente nos sites do governo e do município.

⁴ Link: <http://ia600307.us.archive.org/32/items/amusicaedequem/AMusicaEdeQuem.mp3>

Após isso, teve a sugestão dos entrevistados e tudo foi passado para o orientador. Depois de dar a confirmação de que poderia seguir com a pauta, foram feitos os contatos para marcar as entrevistas e foi elaborado um roteiro inicial de perguntas que poderiam ser feitas durante as entrevistas.

O roteiro ficou da seguinte forma:

Roberto Maia - Coordenador de Promoção à Cidadania LGBT/ Angela Chaves - Coordenadora do Espaço LGBT de João Pessoa (perguntar nome, profissão, idade e contato)

- Hoje, o que temos de políticas públicas de apoio à comunidade LGBT que vive em João Pessoa?
- Quando foi inaugurado o Centro de Cidadania LGBT (Espaço LGBT) e com qual propósito?
- Quais os serviços oferecidos?
- Quantas pessoas atende por mês?
- Qual o perfil das pessoas que buscam o centro?
- Existe alguma dificuldade de manter o centro? Falta algum serviço que gostariam de implementar, mas ainda não conseguiram?
- Quais as aspirações para o futuro? Existem planos de outros serviços, não só no centro, mas também de abertura de outros locais de atendimento ao público LGBT, por exemplo.
- Qual a sensação de ver essas pessoas serem ajudadas?
- Como fazer esse público tomar conhecimento sobre a existência dos lugares que podem ajudá-los?

Profissional da saúde – psicólogo (perguntar nome, profissão, idade e contato)

- Quanto tempo atua na área e desde quando atende ao público LGBT?
- Como o preconceito e a discriminação interferem na vida diária dos homossexuais?
- Qual a importância de gays, lésbicas, trans e travestis terem um acompanhamento psicológico?
- O que traz de bom para a vida dessas pessoas saber que existem centros de apoio e que elas não estão sozinhas para enfrentar as dificuldades? Como elas se sentem?
- Como a existência dessa ajuda é refletida na vida dessas pessoas?
- Qual a sensação de poder ajudar essas pessoas?

Pessoas atendidas (perguntar nome, idade, quer ser identificado, profissão/ocupação, identidade e orientação sexual e contato)

- Com quantos anos você se descobriu e como foi?

- Sofreu preconceito? Conte sua experiência.
- Como ficou sabendo da existência do centro?
- Qual tipo de serviço busca aqui?
- Qual a importância dessa ajuda para a sua vida?
- Você é atendido por outros centros de apoio? Quais?
- Como seria sua vida sem esse apoio? Mudaria alguma coisa?
- Como se sentiu ao tomar conhecimento da existência de um lugar que lhe ajudaria?

Pessoas LGBTs

- Com quantos anos você se descobriu e como foi?
- Sofreu preconceito? Conte sua experiência.
- Sentiu falta de algum apoio durante sua jornada?

Com tudo isso pronto e em mãos partimos para a captação do material e para a produção do trabalho, seguindo a divisão de tempo feita ainda na primeira reunião.

5.2. PRODUÇÃO

A produção começou com a realização das entrevistas, no dia 8 de junho de 2017. O local foi escolhido para esse começo foi o Centro de Cidadania LGBT, localizado no Parque Solon de Lucena, no centro da capital. No local aconteceu a entrevista - já marcada previamente, às 10 horas - com o coordenador do centro e também coordenador da Coordenadoria de Cidadania LGBT e Igualdade Racial do município de João Pessoa. O equipamento usado para a gravação foi o celular Samsung S3. A entrevista durou cerca de 30 minutos. Durante a mesma, devido o espaço estar localizado em um dos lugares mais movimentados da cidade, é possível ouvir os sons da rua, como carros de som e ônibus, o que atrapalhou um pouco a captação do áudio, não o deixando totalmente limpo.

Depois da entrevista fui convidada a conhecer o ambiente, o que auxiliou no objetivo de entrevistar as pessoas atendidas pelo centro. Durante esse mesmo dia também houve entrevistas com as pessoas que buscam ajuda e com os profissionais que atendem no lugar.

O segundo momento de entrevistas aconteceu no dia 12 de junho de 2017, segunda-feira, no Espaço LGBT, também no centro da capital. Lá foi realizada entrevista com uma das pessoas atendidas e com dois profissionais. A coordenadora que estava na pauta para ser entrevistada havia sido afastada do cargo por motivos pessoais. No caso, foi necessário

procurar a Gerência Executiva de Direitos Sexuais e LGBT do Estado (SEMDH) e falar com Victor Pilato que está com a coordenação interina do Espaço LGBT. Ele explicou o funcionamento do lugar, como surgiu, perfil e número de pessoas atendidas, como também sobre outras políticas públicas existentes na Paraíba. Como a entrevista foi realizada na sala de trabalho que é compartilhada com outras pessoas, o áudio tem alguns ruídos ambiente. Ainda foram ouvidas outras pessoas LGBTs antes de seguir para a próxima fase de criação do roteiro.

Para a criação do roteiro foi realizada reunião com o orientador Bruno Ribeiro que passou dicas e elementos que poderiam ser inseridos e sugestões de como estruturar. O objetivo era fazer com que o texto ficasse bom para ser interpretado e não apenas lido pelo locutor, assim o áudio documentário se torna menos cansativo de ser ouvido.

Depois da reunião foi elaborado o roteiro, que após algumas correções ficou pronto (ver apêndice). Algumas entrevistas não entraram por ter muito ruído nos áudios ou pelo tempo do documentário que não poderia ficar cansativo, mas elas não deixaram de ser base para a construção do texto. Também foi usado no roteiro a indicação de áudios do Youtube, como o depoimento do deputado federal Marco Feliciano, do Partido Social Cristão, explicando o porquê de colocar em pauta o projeto de “cura gay”, em 2013, e vídeos de campanhas (baixados na internet) para embasar o texto.

5.3. PÓS-PRODUÇÃO

Depois de tudo produzido veio a locução. A ideia inicial era conseguir alguém do curso de teatro ou com habilidades de interpretação de texto para fazer a locução, mas, devido à dificuldade encontrada por ser final de período, a locução ficou com a própria graduanda. Após a gravação, o último passo e mais complicado, devido a não familiarização com a atividade, exceto na disciplina de Radiojornalismo, foi a edição dos áudios, onde tudo deveria ser compilado e juntado aos efeitos sonoros. O programa utilizado para a edição foi o Audacity, disponível para download em www.audacityteam.org/download. Depois do trabalho de edição que durou cerca de três dias, o áudio documentário ficou pronto.

Depois da produção do áudio documentário, o trabalho foi finalizar o relatório, que deve ser entregue junto ao documento em formato mp3. Como já havia iniciado vários tópicos em paralelo com a produção, esse trabalho final ocorreu em curto tempo, cerca de dois dias, e foi enviado para o orientador fazer as correções necessárias. Após isso foi marcada a banca e enviado o presente relatório, juntamente com o arquivo em áudio para análise.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a produção e o desenvolvimento deste áudio documentário sobre a comunidade LGBT, a realidade e serviços de apoio encontrados na cidade de João Pessoa foi possível entender a importância de existirem mais trabalhos nessa área. Ao realizar as entrevistas foi notória a percepção de que os gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros - com atenção maior para os últimos citados - ainda são uma parcela da população bastante estigmatizada e realmente precisam de apoio, seja da família e amigos ou, quando não têm isso, de apoio do governo, órgãos, profissionais, de pessoas que estejam empenhadas em fazer do mundo um lugar melhor e sem preconceito.

Acredito que ao disponibilizar o documentário em forma de áudio também estaremos auxiliando essa parte da população, com foco na população LGBT pessoense, a descobrir e conhecer os lugares onde eles podem buscar ajuda quando as coisas não estiverem fáceis, quando forem vítimas de homofobia, violência, preconceito dentro da própria casa, enfim, é um trabalho que traz um cunho de serviço, além da abordagem do tema.

O fato de o formato ser um áudio documentário também auxiliou no objetivo inicial de utilizar um jeito simples de interagir com o ouvinte, já que pode ser baixado em qualquer lugar, inclusive nos aparelhos telefônicos, facilitando, assim, a divulgação da mensagem a ser passada.

Com todas essas contribuições, com certeza, em nível pessoal, a maior delas foi a aprendizagem que essa produção trouxe, tanto por ser uma experiência nova, um formato com o qual ainda não havia tido a oportunidade de trabalhar, quanto a experiência que ganhei ao ouvir cada pessoa e suas histórias.

Em torno disso, acredito ter alcançado o objetivo de criar um trabalho que mostrasse a realidade e fomentasse a discussão acerca da comunidade LGBT, além de trazer visibilidade às ações e serviços de apoio que tem como finalidade ajudar no combate ao preconceito e à homofobia, bem como na proteção dos Direitos Humanos desses indivíduos, servindo, assim, de base para futuros trabalhos na área.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007. 181p.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**. Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BLOIS, Marlene. **Rádios educativas**: caminhando contra o vento. Tecnologia Educacional. v.22 (1 13-1 14), jultout. 1993.
- FERREIRA, Andréia da Paixão. **A invenção do rádio**: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. In: Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, v.3, n.1, mar.2013.
- HOMOFOBIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Homofobia&oldid=49122755>>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- MAIA, Roberto. Entrevista I. [jun. 2017]. Entrevistadora: Maryjane Costa. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .mp3 (1 min.).
- MCLEISH, R.; SILVA, M. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. 2. ed. São Paulo: Summus, 2001.
- MIURA, J.; ESCOBAR, J. L. **Pesquisa de Recepção do Programa de Rádio Prosa Rural**: Propondo uma Metodologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Natal, setembro/ 2008. **Anais do Congresso brasileiro de ciências da comunicação**. Natal, 2008. CD.
- NASCIMENTO, Bruno Ribeiro. Entrevista XIII. [jun. 2017]. Entrevistadora: Maryjane Costa. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .mp3 (15 min.).
- PILATO, Victor. Entrevista IV. [jun. 2017]. Entrevistadora: Maryjane Costa. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .mp3 (16 min.).
- ZIMMERMAN, Arnaldo. **Jornalismo de Serviço no Rádio**: a informação que provoca a ação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. BLOIS, Marlene M. O rádio nosso de cada dia. Comunicação & Educação. São Paulo, v. 2, n. 6, 1996. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4296/4026>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

APÊNDICE

ROTEIRO - AUDIO DOCUMENTÁRIO – UNIVERSO LGBT

Personagem	[Áudio Marcella Machado 7:37 – 8:13] “meu descobrimento... era uma polemica”
Personagem	[Áudio Bruna Angel 4:56 – 6:01] “Desde que me entendo por gente, quando tinha 4, 5, anos... mas com medo da família e da sociedade”.
Personagem	[Áudio Viviane Rodrigues 1:31- 2:30] “Desde os meus 5 anos de idade...trejeitos de mulher”
Locutor + fundo musical lento e triste	Essas são as histórias de Marcela, Bruna e Viviane, mas poderia ser o relato de qualquer pessoa pertencente à comunidade LGBT. O peso de se sentir diferente dos demais, a descoberta e aceitação, a pressão familiar, o medo do preconceito, todas essas são fases enfrentadas por pessoas que nascem com orientação sexual ou identidade de gênero distinto da maioria.
Locutor + fundo musical rápido	Para quem não sabe, LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, uma adaptação de LGB, usado para substituir o termo gay no fim da década de 1980, uma vez que os ativistas da época perceberam que o termo não representava todos os que fazem parte da comunidade. Hoje, LGBT é a sigla usada para se referir a qualquer pessoa que não é heterossexual, ou seja, que sente atração pelo sexo oposto, ou cisgênero, aquele que se identifica em todos os aspectos com o gênero de nascença. Se você já achou confuso até aqui, calma! Ainda tem as variantes populares estrangeiras que acrescentam o Q para os indivíduos que não seguem o padrão da heterossexualidade, como drag queens e pansexuais, designados como indivíduos queer, a letra I para os intersexuais, que possuem características femininas e masculinas ao mesmo tempo, e a letra A para os assexuados. Como a diversidade é

	<p>grande, ainda tem a inserção de um sinal de mais (+) para representar qualquer pessoa que não se encaixe nas sete letras.</p>
Locutor + efeitos	<p>Essa mesma comunidade repleta de letras e significados também traz em sua história muita luta por igualdade de direitos e contra o preconceito e a discriminação que sofrem dentro da sociedade. Até pouco tempo, há exatos 27 anos, no dia 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais do Código Internacional de Doenças. Foi uma conquista tão grande que a data passou a marcar o Dia Internacional de Combate à Homofobia. Em 1999, uma resolução do Conselho Federal de Psicologia Brasileiro, que já havia deixado de classificar a homossexualidade como desvio sexual, estabeleceu regras para a atuação dos psicólogos do país. De acordo com a resolução, os profissionais não podem se manifestar publicamente associando a homossexualidade a desordens psíquicas. Desde então, tudo tinha ficado certo quanto a esse assunto.</p> <p>Mas, como nem tudo são flores, em 2013, o deputado Marco Feliciano, do Partido Social Cristão, em São Paulo, alvo de protestos desde que havia assumido a presidência da Comissão de Direitos Humanos, por ser acusado de racismo e homofobia, trouxe para pauta um projeto de decreto legislativo que pretendia suspender as resoluções do conselho de psicologia. O projeto logo foi apelidado pela mídia de “Cura gay”.</p>
Áudio do vídeo Marco Feliciano	[vídeo Marco Feliciano 0:00 – 1:13] “Cura gay. Nunca houve ... ditadura gay”
Locutor	<p>Depois de muita polêmica e do Conselho de Psicologia ter se colocado contra, o projeto foi retirado da pauta da comissão e a comunidade LGBT voltou a comemorar.</p> <p>Outra conquista bastante comemorada pelo movimento foi o reconhecimento da união homoafetiva como entidade familiar através</p>

	Supremo Tribunal Federal, em 5 de maio de 2011.
[locutor + som de teclado]	TV Correio. 28 de junho de 2011. Primeiro casamento gay da Paraíba após o reconhecimento da união homoafetiva.
Áudio de reportagem	[áudio reportagem 1º casamento gay - 0:00 – 0:30/0:50 – 1:27/ 2:02 – 2:20] “Na frente do cartório... beija, beija, beija”
[locutor]	Mais a frente, em 2013, uma resolução do Conselho Nacional de Justiça obrigou todos os cartórios do país a realizar essas uniões, e quem deixar de cumprir poderá sofrer punição.
[locutor + trilha]	<p>Mas, acontece que, apesar dessas vitórias, o Brasil possui números alarmantes quando nos referimos à homofobia, preconceito e violência contra a comunidade LGBT. O projeto de lei 122 de 2006 que tratava da criminalização da homofobia causou polêmica ao ser acusado de restringir a liberdade de expressão e privilegiar os homossexuais. Depois de muuuitos anos nessa discussão a medida foi arquivada, em 2013, pelo Senado, já que os projetos que tramitam sem aprovação por mais de oito anos vão automaticamente para o arquivo. A medida ganhou um quase substituto em 2014, com a PL 7582, que prevê penas para crimes de ódio contra as minorias, mas até momento ainda não foi aprovado.</p> <p>Enquanto essa discussão acontece no jurídico, a violência nas ruas não espera:</p>
[locutor + efeito teclado batendo]	Jornal da Paraíba, 9 de dezembro de 2011: Estado registra a 19º morte por homofobia. G1 Paraíba, 12 de fevereiro de 2012: homossexual é morto com 25 golpes de faca em João Pessoa. Correio da Paraíba, 18 de setembro de 2014: jovem gay é espancado e assassinado com tiro na cabeça. Portal Correio, 26 de fevereiro de 2017: Preso suspeito de matar transexual a pedradas; PM diz que crime foi por homofobia.

[locutor + trilha triste]	<p>Notícias como essas são vistas frequentemente e traduzem a realidade do Brasil que, segundo relatório de violência homofóbica divulgado em 2016 pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, registra ao menos 5 casos de violência homofóbica todos os dias. O relatório ainda ressalta que os dados estão longe de refletir a realidade, já que existe bastante dificuldade de apuração nas instituições oficiais. Porém, existem organizações como o Grupo Gay da Bahia, que há 30 anos procura retratar e denunciar a homofobia no país e, segundo o relatório deles, pelo menos 318 pessoas foram mortas por homofobia. É em média de uma morte LGBT a cada 28 horas!</p>
[locutor]	<p>Não o bastante o medo da violência, essas pessoas ainda enfrentam outros problemas relacionados ao preconceito e a discriminação existentes na nossa sociedade. Logo, para que os gays, lésbicas, bissexuais, trans e travestis não estejam sozinhos para enfrentar tudo isso, é muito importante a existência de campanhas, políticas públicas e organizações voltadas para essa comunidade, para a proteção dos seus direitos e para a conscientização da população em geral.</p>
[locutor] [locutor + áudio primeiro beijo gay]	<p>A Paraíba é pioneira quando o assunto são campanhas de conscientização contra a homofobia. Em 2012, o governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, lançou a campanha “tire o respeito do armário” que objetivou defender o respeito, a dignidade e a denúncia como estratégias de enfrentamento à homofobia, principalmente através das redes sociais, nos organismos públicos da saúde, assistência social e educação, além de setores privados do Estado.</p> <p>Já em 2014 foi veiculado na TV um vídeo com fundo musical romântico e cenas de alguns detalhes como escovas juntas e toalhas bordadas que mostravam a casa de um casal e um deles preparando uma bandeja de café da manhã. No final, um beijo entre os dois homens e a frase “O amor une. A homofobia, não”. A campanha, realizada pelo Movimento do Espírito Lilás em parceria com o Ministério Público do Trabalho na</p>

	Paraíba, trouxe, nesses trinta segundos, o primeiro comercial com beijo gay da TV Brasileira.
[locutor]	Falando em Ministério Público do Trabalho, o órgão é um dos que lutam incansavelmente pelos direitos LGBTs no Estado. Em 2013 já havia sido lançada uma campanha contra homofobia no mercado de trabalho.
áudio campanha	[áudio campanha 0:00 – 0:30] “Roberto nasceu em... esse direito”
[locutor]	Além do vídeo que mostra um personagem homossexual que sofre preconceito no trabalho, o alerta de que isso é errado e o número para denúncias, o disque 100 e as outras peças da campanha, o MPT-PB também criou na mesma época o Centro de Formação para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais que forneceu cursos gratuitos em várias áreas visando inserir os LGBTs no mercado de trabalho. Além disso, no estado ainda existem outras políticas públicas relacionadas ao público gay. Roberto Maia, coordenador de cidadania LGBT e igualdade racial explica bem:
Entrevistado	[áudio Roberto Maia 1:01 – 2:13] “Nós temos o centro da cidadania... são 7 unidades”
[locutor]	Dos centros citados por Roberto Maia, o mais antigo é o Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBT e Enfrentamento a Homofobia, denominado de Espaço LGBT, que foi criado em 25 de maio de 2011 e está localizado na Avenida Princesa Isabel, 164, no Centro de João Pessoa. Apesar de ter sido criado há mais de seis anos, nem todas as pessoas da comunidade conhecem os serviços oferecidos pelo lugar.
Locutor + trilha	Victor Pilato, gerente operacional de Enfrentamento à homofobia da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana do município e quem está na coordenação interina do centro explica que tudo é oferecido sem qualquer custo à pessoa que procurar Espaço LGBT, seja atendimento

	psicológico, jurídico, assistência social, encaminhamento para mudança de pré nome e ou para o ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, que é referencia no país e só atende por meio do Espaço.
Entrevistado	[áudio Victor Pilato – 4:44 – 4:52/ 5:04 – 5:10/5:58] “Hoje, atualmente... mais ou menos isso”
[locutor]	Outra conquista, essa mais recente, é o Centro de Cidadania LGBT, inaugurado em 17 de maio de 2016 e localizado no Parque Sólon de Lucena.
Entrevistado	[áudio Roberto Maia 2:42 – 7:31 (editar)] “o propósito era... de cada pessoa que ta aqui dentro”
[locutor + trilha feliz]	Além das três empresas de grande porte que já possuem parceria com o Centro de Cidadania LGBT do Município para facilitar o acesso, principalmente dos travestis e trans ao mercado de trabalho, agora, também está sendo iniciando uma parceria com mais de 50 empresas com a criação do selo amigo da diversidade sexual, que tem como objetivo pactuar com as empresas do segmento turístico no sentido de prestar um serviço de excelência para a comunidade. Essa nova iniciativa vai ajudar bastante a desempregada Marcella Bezerra, primeira personagem lá do início da nossa história. Marcela é mulher trans, tem 45 anos e está há seis meses em busca de um emprego.
Personagem	[Áudio Marcella 3:15 – 3:22] “Emprego tá difícil ... De tal forma”
[locutor]	Ela nem consegue explicar o quanto é complicado conseguir emprego quando você é trans, mas, mesmo assim, veio ao Centro de Cidadania com o currículo na mão, esperançosa com a possibilidade de conseguir alcançar seu objetivo. Além disso, Marcella também usufruiu do serviço de psicologia e agora faz aula de yoga.

Personagem	[Áudio Marcella 13:47 – 14:09] “O de yoga eu to... me sentindo muito bem”
[locutor + trilha triste]	A nossa outra personagem, Viviane Rodrigues, em seus 22 anos de idade passou por muito preconceito e homofobia quando se assumiu gay e logo depois mulher trans. A garota de programa conta que chegou a ser espancada por seu pai e por outras pessoas, mas como em sua cidade do interior não existiam órgãos que a apoiassem, tudo era bem mais difícil. As coisas só melhoraram quando ela veio morar em João Pessoa e descobriu os Centros de apoio a comunidade LGBT e seus serviços.
Personagem	[Áudio Viviane 12:07 – 12:21/ 12:27- 13:05] “Aqui eu passo pela parte psicológica... vá dormir”
[locutor]	<p>O que acontecia com Viviane pode parecer surreal, mas infelizmente acontece com boa parte da comunidade LGBT e por isso é tão importante o trabalho e os serviços que existem na capital. Muitos deles são obrigados a saírem de suas cidades natais para João Pessoa em busca de ajuda, o que faz o Centro de Cidadania ter uma média de 4 a 5 pessoas novas atendidas por dia, são 20 pessoas novas por semana.</p> <p>Segundo Roberto Maia, essas novas pessoas são em sua maioria travestis e transexuais de baixa renda, muitas devido a procura pelo programa Transcidadania, que é o carro-chefe da coordenadoria, logo, vem pessoas de todos os municípios em busca de participarem do projeto, que em maio de 2017 passou a beneficiar seu público com o programa habitacional da Prefeitura.</p>
Entrevistado	[Áudio Roberto Maia 24:22: 25:09] “Quando eu ouço...agora eu tenho minha casa”
Locutor + efeito	Outro perfil de pessoas que também procuram o centro são mulheres lésbicas para questões relacionadas à saúde e a violação de direitos ou

	<p>violência sexual e também a população gay e a população mais nova, de 17, 18 anos considerados não binários, que não se encaixam nem no sexo feminino nem no masculino. Os bissexuais ainda são mais raros por existir um movimento relativamente pequeno de representação bi no Estado.</p> <p>Ainda segundo Roberto Maia, como tem gente que não conhece o centro, existe o trabalho de ida às ruas para atender as pessoas que fazem programa. Nessas visitas, os profissionais buscam fazê-las conhecer seus direitos, principalmente em casos de agressão que são comuns nas ruas e mostrar os serviços que o centro oferece.</p> <p>Seguindo a mesma linha de ir atrás e não apenas esperar que as pessoas procurem ajuda, existe a parceria com o Ruarts, projeto que cuida dos moradores de rua, onde eles auxiliam na retirada dos LGBTs das ruas, colocando-os nas casas de acolhida e nessas casas eles são acompanhados e inseridos em programas sociais.</p>
[locutor]	<p>Não importa o perfil, vai existir apoio para qualquer pessoa da comunidade LGBT que procurar os centros. E é muito importante que essas pessoas tenham ajuda para lidar com as dificuldades que o “ser diferente” traz, principalmente nas questões relacionadas ao preconceito, já que ainda não se conseguiu extingui-lo. É importante que essa pessoa não se sinta só, que não esteja só.</p>
Locutor	<p>Domicia Pessoa é advogada e tem seu trabalho voltado para as questões de gênero. Hoje, ela trabalha no Espaço LGBT e atende o público trans que precisa fazer a retificação de nome no registro civil e pessoas que precisam de orientação e assessoria jurídica para casos de homofobia. Quando perguntada sobre a importância desse apoio jurídico oferecido a comunidade LGBT uma palavra se destaca:</p>
Entrevistado	<p>[Áudio Domicia Pessoa 7:19 – 8:52] “Empoderamento, em primeiro lugar... garantias”</p>

Locutor	Simone Alves é psicóloga e atende no Centro de Cidadania. Ao contrario de Domicia, ela não pensava em trabalhar com o público LGBT até que foi chamada para trabalhar no centro e como profissional abraçou a causa com todas as forças. Apesar de essas duas profissionais terem profissões, histórias e também trabalharem em lugares diferentes, elas acreditam na mesma coisa quando o assunto é a importância do atendimento para a comunidade LGBT.
Personagem	[Áudio Simone Alves 4:15 – 4:21/ 2:06 – 2:49] “O empoderamento... auto conhecimento”
Locutor	Simone também explica se há diferença para o profissional de saúde em lidar com o público LGBT e a comunidade no geral.
Personagem	[Audio Simone Alves 7:13 – 7:53] “A comunidade LGBT... qualquer outro”
Locutor + fundo musical feliz	Segundo os profissionais que estão por trás dos centros de apoio, não é apenas a vida das pessoas atendidas que muda quando é criada essa relação. Quando se adentra nessas histórias, histórias de pessoas que passam por constrangimentos, violência, incertezas e dificuldades apenas por ter uma opção sexual ou gênero diferente, isso muda você.
Entrevistado	[Domicia Pessoa 10: 32 – 10:41/ 10:52 – 12:39] “Cada dia é um aprendizado novo... encorajador”
Locutor + fundo musical animado	Na Paraíba, além dos centros, também existem outros grupos, lugares e movimentos que trabalham com a questão LGBT, são eles: a Delegacia Especializada Contra Crimes Homofóbicos; a Associação Trans Feministas da Paraíba – Astrapa; o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria; o Movimento Espírito Lilás; o Movimento de Bissexuais Brasileiros na Paraíba; o Coletivo de Homens Trans da

	<p>Paraíba, entre outros.</p> <p>São perceptíveis as mudanças positivas que as campanhas, políticas públicas e locais de apoio trazem não apenas para a minoria população gay, mas também para a população em geral que aos poucos vai mudando até que possa chegar o tempo onde não vão precisar existir esses lugares, pois todos serão tratados iguais e terão seus direitos humanos respeitados, não importando se você é José, Maria, se se encaixa em algum gênero ou não, se tem relação com homem, mulher, trans, travesti, se é assexuado ou qualquer outra coisa, as pessoas vão entender que isso não muda nada e que ser diferente é normal.</p>
Locutor + efeito atenção	Mas, enquanto isso não chega, se você foi vítima ou presenciou algum ato homofóbico não esqueça que atos desse tipo ferem nossos direitos fundamentais. Denuncie através do Disque Direitos Humanos, o disque 100.
Trilha sonora	Lenine – Ser diferente é normal
Locução + efeito	<p>Locução: Maryjane Costa</p> <p>Participação:</p> <p>Agradecimentos: Espaço LGBT e Centro de Cidadania LGBT...</p> <p>Entrevistas, roteiros e direção: Maryjane Costa</p> <p>Edição: Maryjane Costa e Bruno Ribeiro</p> <p>Orientador: Bruno Ribeiro</p> <p>Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo – Universidade Federal da Paraíba</p>



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO
DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO DE JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, MARYJANE DA COSTA PEREIRA, discente regularmente matriculada no Curso de Jornalismo, matrícula 11213940, assumo total responsabilidade sobre o Trabalho de Conclusão de Curso de minha autoria e autorizo sua divulgação na internet, assim como seu armazenamento na forma que dispuser a UFPB.

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Discente



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO
DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: Maryjane da Costa Pereira

Matrícula: 11213940

Título do Trabalho: Mana, você não está sozinha! Um áudio documentário sobre a comunidade LGBT e os serviços de apoio em João Pessoa

Professor(a) orientador(a): Bruno Ribeiro Nascimento

Professor(a) co-orientador(a):

Declaro que o presente trabalho é de minha única e exclusiva autoria e que responderei por todas as informações neles contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Discente